

Fernando Lopes Graça

(Tomar, 17-12-1906; Parede, 27-11-1994)

Compositor, pianista, regente e musicógrafo português. Fez os primeiros estudos de piano na sua terra natal onde aos 14 anos ingressa no quinteto que funcionava no cine-teatro local.

Em 1924 vai para Lisboa onde cursa o Conservatório, tendo como professores Adriano Moreira (curso superior de piano), Tomás Barbosa (composição), Luís de Freitas Branco (ciências musicais) e Viana da Mota (curso de virtuosidade).

Em 1929 apresenta-se pela primeira vez como compositor tocando ele próprio as suas "Variações sobre um tema popular português", para piano e dirigindo um "Poemeto" para orquestra de arco.

Em 1931, terminados os estudos, presta provas de concurso para as vagas de professor de piano e de solfejo do Conservatório, em que obtém a primeira classificação, não chegando contudo a ser nomeado por motivos políticos, que lhe valem ser preso e desterrado para a Vila de Alpiarça, onde lhe é fixada residência durante alguns meses.

Em 1932 vai para Coimbra a fim de ali exercer o professorado, primeiro na Academia de Música e depois, extinta esta, no Instituto de Música, até 1936. Torna a matricular-se na Universidade, cujo curso não chegou a terminar, e em 1934 concorre a uma bolsa da Junta de Educação nacional, mas, apesar de aprovado não segue para Paris, novamente em virtude das suas ideias políticas, contrárias à situação vigente. Em 1936 é de novo detido, julgado e condenado em 1937.

Durante os anos de Coimbra colabora com o grupo literário da revista Presença pondo em música alguns dos seus poetas mais representativos: pela primeira vez no nosso país música e poesia se davam as mãos na mesma senda da modernidade.

Em 1937 parte para Paris onde frequenta a cadeira de musicologia da Sorbonne. Escreve a música da revista-bailado "La Fièvre du Temps", estreada no Théâtre Pigalle em 1938, de que havia de extrair uma suite orquestral. Empreende, por sugestão da cantora Lucie Dewinsky, a harmonização das canções populares portuguesas. São estas harmonizações

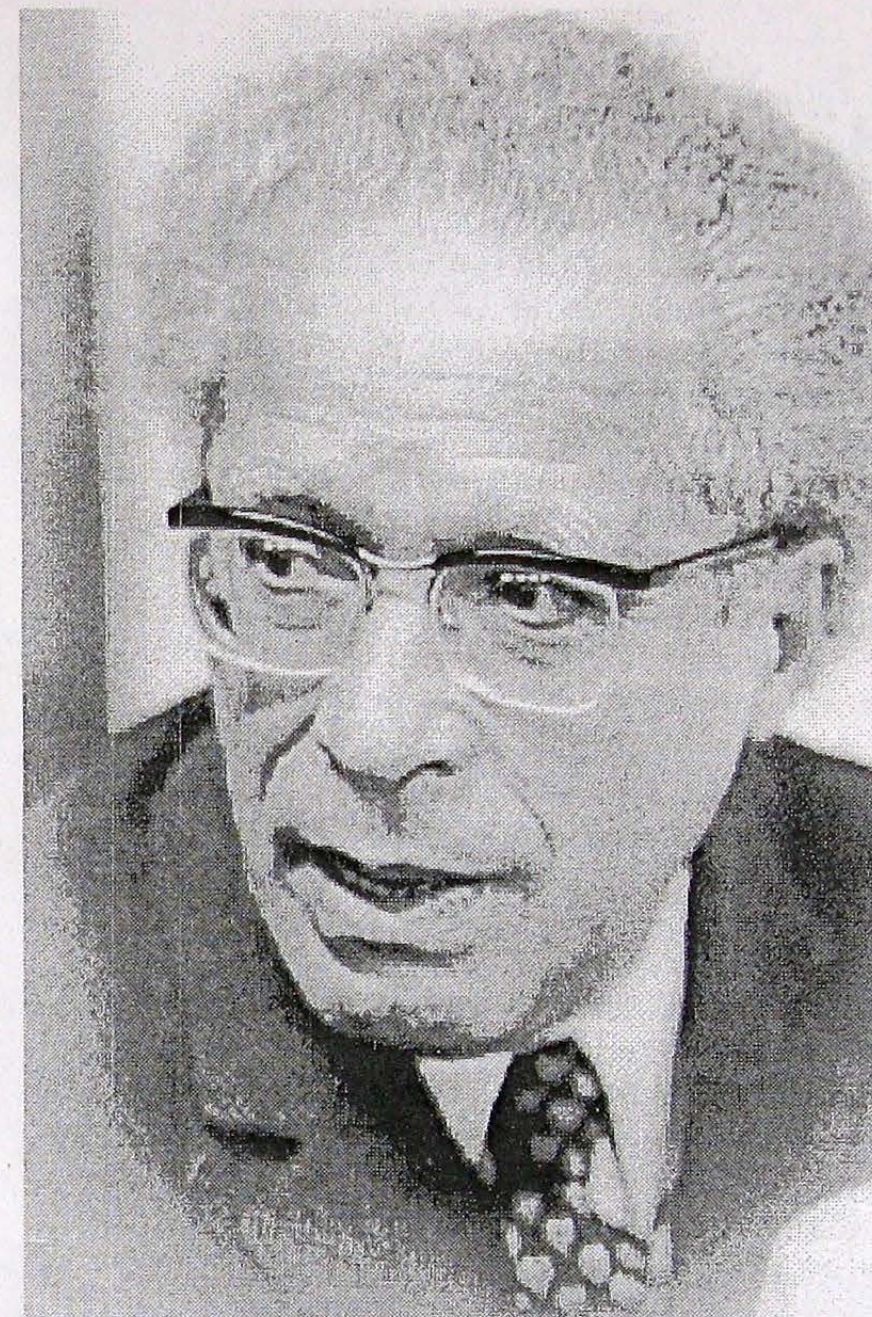
que marcam uma viragem no estilo e nas preocupações do compositor, que passam a orientar-se no sentido de conferir à sua música um cunho marcadamente português que ao mesmo tempo trouxesse à música portuguesa características de autenticidade nacional.

Anunciada já em obras anteriores, como "Variações sobre um tema popular português" (1928), o "Prelúdio, canção e dança" (1929), para piano, as "Três canções ao gosto popular" (1934), sobre versos de António Boto, as "Seis canções sobre quadras populares portuguesas" (1936), ou o "Cancioneiro do menino Jesus" (1936), sobre textos populares, esta orientação precisa-se e ganha, por assim dizer foros de programa estético sistemático na 2ª Sonata para piano e no Quarteto para violino, violoncelo e piano, obras compostas ainda em Paris.

João de Freitas Branco (in Gazeta Musical, Lisboa 1959) escreveu: "Fundando e dirigindo o Coro da Academia de Amadores de Música, Lopes Graça criou o meio de dar realidade sonora às suas harmonizações. O mais notável não é, todavia, o ter fundado e assumido a direcção, mas sim o formar em Portugal uma unidade polifónica persistente em existir, progredir e servir compenetradamente uma causa de cultura".

Por decisão unânime da Assembleia Geral de 15-12-1994, passou a designar-se "Coro Lopes Graça da Academia de Amadores de Música"

No decurso de uma entrevista concedida em 1986, Lopes-Graça afirmou que a sua actuação enquanto artista era inseparável dos compromissos que, como cidadão, tinha com a "Cidade" e com a "Grei". (...) Este compromisso, no caso de Lopes-Graça, foi primeiramente um compromisso pessoal. Foi, ainda, um compromisso público, fundamentado numa concepção social da arte e na fé no progresso da humanidade. (...)



HOMENAGEM

Fernando

Lopes

Graça

salão da sociedade

1.º de agosto

santa iriense

SANTA IRIA DE AZÓIA

15 outubro 2006

W. Lopes



Santa Iria de Azó
1.º de agosto



Sociedade 1.º de Agosto

Biografia

Fernando Lopes-Graça (nascido em Tomar, a 17 de Dezembro de 1906) foi uma das figuras mais emblemáticas do séc. XX português. Desenvolveu uma intensa actividade cultural, artística, pedagógica e cívica. Como compositor criou uma obra extensíssima que percorre quase todos os géneros musicais e que mereceu reconhecimento nacional e internacional ao longo da sua vida. Fundou e dirigiu durante mais de 40 anos o Coro da Academia de Amadores de Música, para o qual escreveu centenas de arranjos de canções tradicionais, grande parte das quais recuperadas em colaboração com o etnólogo Michel Giacometti.

Fundou a sociedade de concertos "**Sonata**", dedicada à difusão da música contemporânea. Distinguiu-se ainda como pianista, sobretudo interpretando as suas próprias obras. Intelectual de vasta cultura literária, filosófica e política, interveio activamente nos grandes debates estéticos e ideológicos do seu tempo, tendo publicado ensaio e crítica musical, teatral e de bailado em periódicos como a *Seara Nova* (de que foi Secretário da Redacção), **O Diabo** (jornal da oposição ao regime na década de 30), *Manifesto*, *Presença*, *Vértice*, e na *Gazeta Musical e de Todas as Artes* (de que foi fundador e redactor principal). Aos 18 volumes das suas *Obras Literárias* junta-se o *Dicionário de Música*, em dois volumes, que elaborou a partir do legado de Tomás Borba (1956-1958).

Profundo conhecedor da literatura portuguesa, acompanhou de perto os movimentos literários presencista e neo-realista, escrevendo numerosas canções de concerto, bem como canções de luta (ditas "heróicas"), sobre textos de um largo leque de poetas seus contemporâneos e cobrindo, além disso, quase toda a poesia portuguesa desde os trovadores.

Ele próprio desenvolveu notáveis qualidades de escritor, salientando-se pelo seu estilo literário de grande riqueza vocabular, dir-se-ia camiliano, que se manifesta não só nos seus ensaios, mas também em algumas importantes traduções que nos deixou, como as *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau ou *Beethoven – Os Grandes Períodos Criadores*, de Roman Rolland. A sua militância cívica e política na oposição ao Estado Novo, iniciada publicamente com a fundação em 1928 do jornal político-regionalista *A Acção* (Tomar) de que foi director com apenas 22 anos, valeram-lhe perseguições, prisões várias e um exílio temporário em Paris (1937-1939), impediram-no do exercício de funções docentes no Conservatório Nacional.

Nas suas primeiras obras, muitas delas destruídas ou revistas posteriormente, também se destaca um atento estudo da prosódia da língua portuguesa, manifestado nas suas canções de poetas como António Botto, Adolfo Casais Monteiro, José Régio ou Fernando Pessoa. O seu gosto pelos géneros vocais, estimulado pelo relacionamento constante com poetas contemporâneos, permaneceu ao longo de toda a sua vida.

Após a II Guerra Mundial, grande parte da actividade de Lopes-Graça foi determinada pela sua participação no Movimento de Unidade Democrática, assim como no PCP, do qual se tornou militante por volta de 1944. É de 1945, por exemplo, o seu plano para a organização estatal da música, inédito até à sua publicação em 1989, um bom indício das esperanças postas na mudança política que foram partilhadas por muitos nesta época. É também deste ano o início da composição das célebres *Canções Heróicas*, canções de intervenção que Lopes-Graça, apesar da proibição que pesava sobre a sua apresentação pública, continuou a compor até 1974, e inclusive em anos posteriores.

Em 1945, Lopes-Graça começou a colaborar regularmente na revista *Vértice* (...). O fim da sua actividade pedagógica na Academia de Amadores de Música, em 1954, foi consequência de um despacho ministerial que anulou a sua autorização para dar aulas em instituições privadas de ensino. Conseguiu, porém, manter a sua ligação com a instituição através da revista *Gazeta Musical* (1950- 1957), fundada por ele juntamente com João José Cochofel, e da edição do *Dicionário de Música* (1954-8). (...)

O seu encontro com Michel Giacometti data de fins da década de 50, quando após um primeiro encontro pessoal ambos deram início a uma colaboração que se manteve durante décadas. O primeiro fruto desta colaboração surgiu em 1960, ano em que foi editado o primeiro volume discográfico da colecção "Antologia da Música Regional Portuguesa", dedicado à região de Trás-os-Montes. Ambos, em 1981, editaram no Círculo de Leitores o *Cancioneiro Popular Português*. O desenvolvimento posterior da obra musical de Lopes-Graça permite definir uma terceira fase delimitada pelo *Canto de Amor e de Morte*, quinteto com piano composto em 1961, e a *Sonata para piano n.º 5*, escrita em 1977. (...) (...) Os anos transcorridos desde 1974 até ao seu falecimento foram para Lopes-Graça criativamente muito férteis. As duas sonatas para piano e um quarteto de corda, o impressionante *Requiem* para as vítimas do fascismo em Portugal (1979) e as *Sete predicções de "Os Lusíadas"* (1980), o bailado *Danças*, uma sinfonia para orquestra de formação clássica, numerosas canções, composições instrumentais mais breves e peças de circunstância. (...) Se o expressivo *Requiem* sintetiza a vertente mais dramática do seu catálogo, surgiram neste período outras composições com características novas. Lopes-Graça cultivou a partir dos anos 80 uma espécie de neoclassicismo revisitado para formações instrumentais que nunca tinham feito parte do seu catálogo.

A *Sonata n.º 6*, a *Sinfonietta* homenagem a Haydn e *Geórgicas* são exemplos desta última fase, obras onde também se revela através da paródia o seu peculiar sentido de humor.

Lopes-Graça morreu, na sua casa da Parede, em 27 de Novembro de 1994.